

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA), NO 3^o MILÉNIO, UM SÍTIO CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR – CONTRIBUTOS PARA UM DEBATE

Mariana Diniz¹, Andrea Martins², César Neves³, José Morais Arnaud⁴

RESUMO

Neste trabalho apresentam-se os primeiros resultados do projecto de investigação “Vila Nova de São Pedro, de novo no 3^o milénio”, da responsabilidade dos signatários, que procura, em diferentes vertentes, construir e divulgar um novo discurso para o sítio de Vila Nova de São Pedro, integrando-o nos debates acerca das paisagens sociais do Calcolítico, que se desenrolam nos inícios do 3^o milénio, a partir da revisão de dados de campo, da síntese da informação já produzida e do desenvolvimento de linhas de investigação com recurso a metodologias de análise multidisciplinares.

Nos últimos anos, os modelos de povoamento desenhados para o calcolítico sofreram transformações profundas e o papel, distinto, que tem sido nos últimos tempos, atribuído aos grandes povoados fortificados exige a produção de informação, nova, acerca de territórios, recursos, mobilidades e identidades sociais que se pretendem construir para Vila Nova de São Pedro.

Palavras-chave: Vila Nova de São Pedro, Calcolítico, Fossos, Muralhas, Complexidade social.

ABSTRACT

This paper presents the first results of the research project “Vila Nova de São Pedro, again in the 3rd millennium», which seeks, in different ways, the construction of a new narrative for the Vila Nova de São Pedro archaeological site, and putting it in the scientific discussion about the Chalcolithic’s social landscapes, from the review of the fieldwork data, the synthesis of information already produced and the development of future research lines using multidisciplinary analysis methodologies.

In the last years, the settlement patterns designed for the Chalcolithic have suffered a deep transformation and the distinct role that has been recently attributed to these large fortified settlements requires the production of new information about territories, resources, mobilities, and social identities that are intended to explain Vila Nova de São Pedro.

Keywords: Vila Nova de São Pedro, Chalcolithic, Ditch, Walls, Social complexity.

1. VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA), A (RE)VISITAÇÃO A MONA LISA E PROBLE-MÁTICAS EPISTEMOLÓGICAS

Quase ao terminar a segunda década do séc. XXI, a Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP),

por iniciativa da sua Direcção e dos membros dirigentes da Secção de Pré-História, retoma, 80 anos volvidos sobre as primeiras escavações dirigidas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, os trabalhos de terreno no sítio de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (VNSP).

1. Uniarq, FLUL-UL; Associação dos Arqueólogos Portugueses; m.diniz@letras.ulisboa.pt

2. Uniarq, FLUL-UL; FCT; Associação dos Arqueólogos Portugueses; andrea.arte@gmail.com

3. Uniarq, FLUL-UL; Associação dos Arqueólogos Portugueses; c.augustoneves@gmail.com

4. Associação dos Arqueólogos Portugueses; jemarnaud@gmail.com

O sítio, que havia sido para a Pré-História de Portugal um dos mais significativos lugares pela sua projeção nacional e internacional (e.g. Childe, 1957), encontrava-se, no início do Verão de 2017, num lamentável estado de abandono que importava alterar (Figuras 1 e 2).

Depois da última campanha de Afonso do Paço, em 1968, depois dos trabalhos de limpeza, conservação e restauro realizados em 1983 por H. N. Oliveira e O. V. Ferreira (1990), sob a égide da extinta Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e das escavações sectoriais, ainda praticamente inéditas, realizadas em 1985/86, por V. S. Gonçalves (1993), o sítio não é objecto de outras intervenções e não chegará nunca a ser interpelado pela Nova Arqueologia portuguesa que se estabelece a partir dos anos 80. Das inúmeras teses de doutoramento que, ao longo dos anos 90, renovam a Academia nenhuma incide sobre Vila Nova de São Pedro cujo registo permanecerá, no essencial, como foi apresentado por Paço e Jalhay, portanto incapaz de responder às novas questões do inquérito processual.

Nas últimas décadas, a relevância científica de Vila Nova de São Pedro diluíra-se, sem presença efectiva num debate científico que, a partir da viragem do milénio – e como consequência positiva do inquérito cego da Arqueologia preventiva – se concentra, no essencial, em torno dos sítios ou recintos de fossos, pela primeira vez identificados no extremo Ocidente peninsular e que o discurso historiográfico ainda não contemplava.

Em simultâneo, e numa quase inconsciente penalização pelo papel desempenhado por este sítio na esfera da Arqueologia Histórico-Cultural, as re-orientações teóricas do novo século seleccionam os fossos segmentados, e os espaços confinados que estes definem, como arena de encenação das Arqueologias Interpretativas (ou pós-modernas), menos vocacionadas para a menor subtileza de paredes de pedra, de torres e de muralhas.

Desta coincidência, de alteração de cenários de acção da comunidade arqueológica, de renovação de tópicos da discussão científica e da entrada em cena de novos paradigmas teóricos, decorre um esquecimento que é mensurável de acordo com parâmetros bibliotecnómicos, mas também visível na lacónica entrada do Castro de Vila Nova de São Pedro na base de dados *Endovélico* e no mato denso que cobria o sítio, na Primavera deste ano.

Ao longo deste processo de esquecimento e abando-

no do sítio e de progressiva dissolução do seu significado na reconstrução das dinâmicas sociais calcolíticas, registam-se alguns contrapontos efectivos.

Assim, no final dos anos 80, foi elaborada uma primeira tentativa de análise crítica dos trabalhos realizados por Paço e Jalhay, bem como o primeiro levantamento topográfico rigoroso (Arnaud e Gonçalves 1990 e 1995) (Figura 3); em 2000, abre ao público a sala de Pré-história do Museu Arqueológico do Carmo onde o espólio de Vila Nova de São Pedro é apresentado de acordo com princípios museológicos e científicos (então) contemporâneos – constituindo hoje a única exposição, na cidade de Lisboa, de materiais calcolíticos provenientes de contexto habitacional, e em 2005, no catálogo do Museu *Construindo a Memória*, os materiais do povoado calcolítico voltam a ser objecto de análise privilegiada (Arnaud e Fernandes 2005); em 2004 a Direcção da AAP desenvolveu contactos com a Câmara Municipal da Azambuja, no sentido de se proceder à valorização de VNSP, tendo mesmo sido assinado um protocolo de cooperação entre aquelas duas entidades, e um “Programa Global de Intervenção” que, porém, não chegou então a concretizar-se por falta do financiamento necessário.

Deste contraponto, fazem também parte trabalhos de conclusão de licenciatura e de dissertação de mestrado, quase sempre incidindo sobre categorias específicas do universo artefactual (Amaro, 2004-2005; Estrela, 2002; Ferreira 2001; Pereira, 2011; Rebelo 2012), mas também sobre a História longa do sítio (Ribeiro, 2013), e que em alguns casos são objecto de publicação (Amaro, 2008-2009; Ferreira, 2003; Ribeiro e Cardoso, 2013). Aqui devem ser destacadas as análises realizadas sobre os elementos metálicos (Soares, 2005; Pereira *et al.*, 2012; 2013), sobre objectos de marfim (Schuhmacher, *et al.*, 2009; 2012) e sobre elementos de adorno (Odrizola *et al.*, 2013), onde a informação daí extraída no quadro das técnicas analíticas hoje disponíveis, em contraste evidente com a, ainda, efectiva ausência de *uma arqueologia de laboratório* sobre os restantes elementos da cultura material.

Mas estas acções, e publicações, não são suficientes para que o sítio de Vila Nova de São Pedro se instale, de novo, no 3º milénio, intenção que assume no título do projecto de investigação que os signatários submeteram à Direcção Geral de Património Cultural (DGPC).

Visitar Vila Nova de São Pedro, visitar Vila Nova

de São Pedro. Depois de mais de trinta campanhas de escavação no sítio – ainda que quase todas com um insuficiente registo de elementos essenciais, como o da exacta localização e dimensão das áreas escavadas, ou a ausência de indicações – ainda que sumárias – da proveniência dos artefactos recolhidos – e de largas centenas de páginas escritas, em diferentes línguas, sobre o mesmo, construir um projecto de investigação/valorização em torno de Vila Nova de São Pedro possui, numa perspectiva epistemológica, analogias óbvias com a *visita a Mona Lisa*, visita na qual se teme, pela saturação do tema, nada aprender porque tudo estava já visto e dito, nada mais haver a dizer, porque tudo está já sabido e escrito.

No entanto, tal como *Mona Lisa* não cessa de emocionar gerações sucessivas de observadores apressados, os sítios arqueológicos – como ensina a História da Arqueologia – aguardam novos inquiridos e novas metodologias que permitam, para além da reavaliação, encontrar o ainda não conhecido.

2. VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA), NO TRAJECTO PARA UMA ARQUEOLOGIA PÚBLICA

Num momento em que se exige para o património arqueológico, e para os lugares materiais do Passado, formas ambiciosas de utilidade social, que do pragmatismo utilitário do destino turístico ao elemento complexo da construção das identidades se podem aglutinar em torno dos sítios, o projecto construído em torno de Vila Nova de São Pedro considerou, desde a sua fase embrionária, necessária a inclusão da dimensão pública do sítio no seu plano de trabalhos.

Non-locals / Locals only

O esquecimento que se vai adensando em torno de Vila Nova de São Pedro reflecte-se também nas opiniões privadas que se tornam públicas, nas inúmeras redes sociais que hoje reflectem a voz de visitantes isolados, de grupos excursionistas ou de amantes do geocaching que, como um coro, lamentam o estado de abandono do sítio que a vegetação cobre, a falta de sinalização que permita o acesso fácil, a ausência de um painel que o apresente (<https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-lisboa/c-azambuja/vila-nova-sao-pedro/castro>) (<https://www.youtube.com/watch?v=o2nLgcSVV2E&+http%3A%2F%2Fwww.megalithic.co.uk%2Farticle.php%3Fsid=37778>).

Neste cenário, o que parece distinguir Vila Nova de São Pedro de outros sítios arqueológicos de diferentes cronologias não é, desafortunadamente, o descaço em que o povoado calcolítico se encontra, mas a (relativa) indignação pública que este gera. A própria monumentalidade, paisagística e arquitectónica, do sítio torna, perante as opiniões públicas, menos admissível este estado de abandono que não é compatível com a importância que lhe atribuem.

Apesar de impossíveis de quantificar, as visitas a Vila Nova de São Pedro têm ao longo dos anos sido uma constante demonstrando uma quase inesperada resistência da *memória do sítio* para locais e para não-locais.

Ao contrário de um efectivo abandono oficial e académico – decorrem cerca de 30 anos entre os últimos trabalhos aí desenvolvidos e o arranque do presente projecto da AAP – o valor simbólico e afectivo de Vila Nova de São Pedro parece sobreviver ao tempo de esquecimento académico, como parte integrante das memórias das populações locais, fenómeno que ficou bem patente nas primeiras recolhas orais realizadas em Torre Penalva e Vila Nova de São Pedro, àqueles que tinham directa, ou indirectamente, participado nas escavações dirigidas por Paço e Jalhay e depois de 50, apenas pelo militar. Nestes registos, em entrevistas conduzidas por um dos signatários (J.M.A), por Célia Pereira e Rui Gomes Coelho, tal como acontece no trabalho realizado por M. Ribeiro (Ribeiro 2013, Ribeiro e Cardoso 2013), fica clara a importância do sítio de Vila Nova de São Pedro, das figuras de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, das campanhas de Verão, que se prolongam por 30 anos, na criação de uma teia de emoções que hoje é parte integrante do valor patrimonial de Vila Nova de São Pedro.

Reconhecer que o projecto, *Vila Nova de São Pedro, de novo no 3^o milénio* vai ao encontro das expectativas das populações e das autoridades locais, que de forma periódica solicitavam para o sítio um projecto de valorização, expectativas reflectidas nas visitas constantes de fregueses e freguesas feitas ao sítio, no decurso dos trabalhos de campo, realizados em 2017, e no sucesso alcançado no Dia Aberto (19 de Julho de 2017) (Figura 4), acrescenta às responsabilidades científicas e patrimoniais, subjacentes a todos os projectos arqueológicos, um compromisso efectivo que se alicerça, mas que ultrapassa a matéria dos protocolos na construção de uma Arqueologia Pública, no sentido mais amplo deste conceito.

3. VILA NOVA DE S. PEDRO (AZAMBUJA): UM INVENTÁRIO DE QUESTÕES EM ABERTO

Em torno de Vila Nova de São Pedro são múltiplas as questões em aberto, as lacunas de informação, as deficiências de registo que pode ter, em algumas circunstâncias, comprometido a utilidade de alguma informação, excessivamente descontextualizada para poder ser, hoje, usada no debate em torno das sociedades calcolíticas e das suas dinâmicas históricas.

Abordar o sítio implica, por isso, uma frente tripartida de acção que contemple:

- 1) Uma hermenêutica de toda a bibliografia publicada sobre o sítio, destacando-se aqui aquela que assume a forma de Relatórios e que descreve, em alguns momentos, a identificação de estruturas, de depósitos de materiais e de características de sedimentos;
- 2) Uma limpeza e descrição, gráfica e narrativa, das áreas já escavadas; tendo em vista o levantamento das estruturas existentes, a identificação dos programas, e dos processos, arquitectónicos presentes no sítio, a localização exacta e a georreferenciação dos depósitos, dos *entulhos* das escavações de Paço/Jalhay e Paço/*et al.*, (incluindo aqui outros arqueólogos que vão estando associados aos trabalhos de escavação), o reconhecimento de áreas ainda não intervencionadas; a definição do sítio na sua dimensão efectiva e na sua relação com a paisagem natural/antropizada em que se insere;
- 3) Uma análise transdisciplinar sobre os elementos da cultura material, iniciada com a caracterização tecno-tipológica de categorias artefactuais ainda não trabalhadas como a dos instrumentos de pedra polida, pedra afeioada e de osso, de acordo com os princípios fundamentais da cadeia operatória, complementada por diferentes análises arqueométricas.

Deste plano de acções concertadas, já apresentado com maior pormenor noutra local (Arnaud *et al.*, 2017), apresentam-se aqui hipóteses/informações ainda preliminares conectadas fundamentalmente com a arqueologia da bibliografia e com os resultados das primeiras limpezas feitas no terreno.

3.1. Da hermenêutica da bibliografia – período Afonso do Paço/Eugénio Jalhay (1937/1950)

O ritual de fundação

É hoje possível, decorrido mais de meio século sobre as primeiras intervenções e publicações realizadas em Vila Nova de São Pedro, realizar uma “arqueologia” dos trabalhos arqueológicos e dos textos então produzidos, extraindo destes informação que o decorrer da investigação tornou significativa e que à época da sua produção, num momento pioneiro da escavação de povoados pré-históricos em Portugal, não podia, por ausência de paralelos, ter sido discutida na sua efectiva complexidade.

Esta arqueologia da bibliografia iniciou-se em torno daquele que se apresentava como o do primeiro momento da história do sítio, o do *ritual de fundação*, do qual faziam parte os cornos de um bovídeo e o grande recipiente cerâmico, fragmentado em conexão e quase completo, exposto na sala de Pré-História do Museu Arqueológico do Carmo.

Este *ritual de fundação*, identificado em 1939, e publicado logo num texto de 1943, é assim descrito:

“1.^o *Que os povos eneolíticos de Vila Nova de São Pedro procederam a uma escavação no solo de grandes dimensões (...)*

2.^o *Que essa escavação atingia 2,60m na parte mais funda, contados da superfície do solo (...)*

4.^o *Que antes de preenchido o fosso com barro amassado, se depositou na parte mais profunda um bovídeo, e talvez outros animais (...)*

8.^o *Que sobre esta camada de pedras se depôs um vaso de barro de 0,38m de alto e 0,58m de largura de boca, de fabrico grosseiro e sem ornamentação (...)*

12.^o *Que depois disto se continuou a tapar o fosso com o mesmo barro amassado até atingir a altura de um metro mais ou menos acima da borda do vaso. (...)*

13.^o *Que para leste deste (fig.1, G), dentro do mesmo fosso (...) se encontraram abundantes ossos de um corpulento bovídeo que dava a impressão de ter sido colocado (...) obedecendo como o restante a um fim ritual.”* (Paço, 1943, p.12-15)

A imagem que acompanha a descrição reflecte esta mesma realidade em corte. As fotografias então publicadas são pouco elucidativas da morfologia deste fosso.

Este “ritual de fundação” que se tornará um verdadeiro *ex-libris* de Vila Nova de São Pedro tenderá

depois por corrupção própria do tempo a ser descrito como realizado *em fossa* e este pequeno desvio (orto)gráfico terá feito esquecer a possível existência de um fosso, num povoado de que as muralhas, em particular a interior, se tornarão ícones do Calcolítico, no extremo Ocidente peninsular⁵.

Hoje a descodificação deste texto permite colocar a hipótese – a confirmar/negar em futuro próximo – da existência de um fosso, assimétrico, localizado entre a muralha interior e a (actual) muralha intermédia, no quadrante NO, de Vila Nova de São Pedro. Esta estrutura negativa, como é descrita e desenhada, apresenta um perfil assimétrico, com uma inclinação comum a outros fossos na parede NO, e um menos claro limite no sector SE, onde os “degraus” aí desenhados parecem reflectir mais o procedimento da escavação arqueológica do que a geometria desta depressão, que atinge na sua profundidade máxima os 2m. A dimensão desta estrutura negativa não é muito óbvia, e a extensão do depósito de argamassas que a preenche, selando os elementos intencionalmente depositados no seu interior – restos faunísticos, uma estrutura de combustão, um grande recipiente cerâmico – é seguramente superior.

Na descrição de Afonso do Paço reconhecem-se muitos dos elementos identificados em escavações recentes realizadas em povoados/recintos/sítios de fossos, no Sul de Portugal. Mais do que a deposição de um grande recipiente cerâmico, contendo no interior fragmentos ósseos de *Cervus*, *Sus* e valva de ameijoia, acondicionados numa estrutura pétreia que o protege, e para a qual não existem imediatos paralelos, a deposição intencional de restos animais, como o bovídeo (Paço e Jalhay, 1943, p. 7), ou junto a “terreno firme” (com probabilidade a rocha de base, presume-se), a deposição, aparentemente orientada Sul-Norte e próxima de resíduos de uma combustão incompleta, de um bovídeo associado a restos de diferentes animais (*Cervus*, *Sus*, *Capra*, *Pecten*),

5. A este propósito, e como evidente sinal da fluidez da informação, pode ainda citar-se o caso de alguns visitantes arqueólogos que observando o “silo” de maiores dimensões, no interior da acrópole, pensavam ser essa a estrutura negativa associada ao ritual de fundação. De facto, a estrutura escavada por Paço e Jalhay não se localiza no que, hoje, é a área central do sítio e o depósito não estava no interior de uma estrutura negativa circular/cilíndrica. No imaginário arqueológico, o depósito de fundação migrou para o centro físico do sítio, a estrutura negativa onde este se encontrava alterou a sua morfologia, de fosso para fossa.

que não estão no entanto afectados pelo fogo (*idem*, *ibidem*, p. 11 e p.13), o preenchimento do fosso com “barro amassado” são gestos que atestam a complexidade do uso destas estruturas e que vemos reproduzidos em outros contextos calcolíticos. A existência de “fundo de cabana” e de “terras arqueológicas” (Paço e Jalhay, 1943, Fig.1), sobre este depósito, portanto de uma ocupação doméstica do espaço uma vez colmatada a estrutura negativa, tem sido também detectada em sítios de fossos como por exemplo no Porto Torrão (Rodrigues, 2014).

Na actualidade, a área escavada em 1939, apresentase “terraplanada”, não sendo, neste momento, aí perceptível a existência de qualquer depressão que possa corresponder à descrição de Afonso do Paço, e que só futuros trabalhos de terreno permitirão relocalizar.

O carácter religioso ou, traduzindo o conceito para linguagem contemporânea, simbólico, que Afonso do Paço atribui ao conjunto (*idem*, *ibidem*, p. 15-16), coincide hoje com as interpretações dominantes acerca da origem e dos modos de utilização de estruturas negativas tipo fosso onde também se atesta este cenário complexo de deposições e onde os restos de animais parecem possuir um papel decisivo. A colmatação intencional do fosso, num período que será breve, a avaliar pela homogeneidade das argamassas, sugere como em outros sítios que a estrutura negativa se escava para ser depois “fechada”. A vida doméstica que depois se processa sobre esse espaço marcado por uma óbvia carga ritual parece surpreender Paço:

“Local sagrado durante algum tempo? Quem o sabe. Todavia encontramos na camada de terra arqueológica que se estendia por cima numa espessura de 0,60, alguns fundos de cabana e bastante mobiliário eneolítico”

(*idem*, *ibidem*, p. 16).

A *dessacralização* do lugar implícita no “Todavia”, constata-se no terreno, os fundos de cabana e o *mobiliário eneolítico* denunciam um uso quotidiano, numa sobreposição de funções e significados que não parece contraditória para as sociedades calcolíticas.

E se em Vila Nova de São Pedro, até ao momento, não foram recuperados restos humanos ou identificadas áreas funerárias, que parecem omnipresentes nos sítios de fossos do Sul peninsular, a revisitação a este ritual de fundação parece ter, pela semelhança das práticas e dos gestos praticados nestes diferentes ambientes, suavizado o fosso que separa, ainda, *po-*

voados fortificados e recintos de fossos cuja, essencial, diferença arquitectónica permanece por explicar.

3.2. Da hermenêutica da bibliografia + Limpeza e descrição, gráfica e narrativa, das áreas já escavadas

Muros e muralhas

As muralhas exteriores

A realocização exacta do lugar onde se situava este *ritual de fundação*, que não coincide com o centro físico, nem tão pouco com o que é, hoje, a área central de Vila Nova de São Pedro, abre um outro campo de análise em torno da diacronia das fases de construção e do que terão sido, por isso, sucessivos, e distintos, lugares centrais de um sítio de configuração variável.

De acordo com os últimos dados publicados sobre a sequência arquitectónica do sítio (Gonçalves 1994, p. 50), a, até ao momento, mais exterior, e também designada como “terceira muralha”, seria com probabilidade a mais antiga, anterior portanto à construção das muralhas intermédia e central.

Desta muralha exterior conhece-se o/um troço, de cerca de 72 metros de comprimento escavado por Afonso do Paço, em 1941 (1942, p.8), definindo um segmento de círculo de perímetro, e traçado, desconhecido ou é este troço a totalidade? Se esta muralha exterior for efectivamente a primeira a ser construída, a geometria desta mais antiga (?) fase de ocupação de Vila Nova de São Pedro está assim em aberto, bem como uma eventual centralidade física do depósito escavado em 39.

A limpeza do sector onde está conservada a muralha exterior permite, no imediato, reconhecer aqui a utilização de um outro aparelho construtivo muito distinto do utilizado na muralha central. Esta linha exterior é definida por um aparelho quase cíclopico, com a inclusão de blocos de calcário sub-rectangulares, afeiçoados, que podem atingir mais de 1m de comprimento, em nítido contraste com os blocos de menores dimensões empregues na muralha interior. À já referida ausência de torres, ocas ou maciças, associadas a esta estrutura (Gonçalves *et al.*, 2013), acrescenta-se agora um outro dado que distingue estas construções, que podem possuir, para além de diferentes origens cronológicas, diferentes significados funcionais e simbólicos, em função da sua maior ou menor exterioridade/interioridade.

Nas arquitecturas de Vila Nova de São Pedro são

utilizados os dois tipos de variações do substrato geológico (calcários de Santarém Pliocénicos – Carta Geológica de Portugal, folha 31-A) cujas diferentes características mecânicas os tornam adequados para distintas finalidades – o “cré” ou “greda”, designação mais usada nos trabalhos de Afonso do Paço, que aflora na área hoje central do sítio, (e sobre o qual assenta parte, do sector ocidental, da muralha interior), aparenta em alguns pontos ter sido *talhado* – hipótese agora em discussão – e depois revestido por blocos obtidos a partir de um calcário cristalino (Ana Costa, informação oral) que também aflora no sítio.

No famoso corte estratigráfico efectuado por H.N. Savory, em 1959 (Savory 1970), conseguiu-se, pela primeira vez, ao fim de mais de 20 campanhas, identificar uma sequência de estratos de ocupação, associados a várias pequenos troços de estruturas pétreas, cujas interconecções permitiram a Savory detectar indícios da existência entre a muralha interior e uma muralha intermédia existente nessa área, de pelo menos três períodos de construção e ocupação daquele local. Importaria, assim, tentar efectuar um novo corte estratigráfico nas proximidades, a fim de verificar e completar os dados recolhidos por Savory, numa zona entre muralhas com muitas semelhanças com a zona VX do Zambujal (Sangmeister e Schubart 1981), e detectar estruturas habitacionais ainda em estado de conservação relativamente bom, apesar de, em muitas áreas, as escavações anteriores terem chegado até ao substrato rochoso.

Outra questão emerge, desta combinatória da arqueologia da bibliografia + limpeza e observação de terreno, que permite acrescentar a uma das mais divulgadas plantas de Vila Nova de São Pedro, publicada por E. Savory, em 1970, elementos arquitectónicos fundamentais para a leitura do sítio – e que, por razões pouco claras, não chegam a ser objecto de registo neste levantamento⁶, onde a muralha intermédia e a muralha exterior surgem num tracejado cujo significado gráfico não se alcança, dada a efectiva existência destas estruturas pétreas, no terreno:

6. Entre outros desafios que coloca a visita a Vila Nova de São Pedro pode destacar-se o da interpretação das plantas e levantamentos realizados ao longo das campanhas dirigidas por Afonso do Paço. A sistemática ausência das fundamentais indicações de Norte e escala obriga a uma verdadeira exegese da imagem que não está livre de riscos e erros, mas que constitui uma das essenciais tarefas deste projecto.

“Do lado oposto, a Este, separado por uns 60m, da zona já escavada (...) restos de outro muro, na extensão de uns 40m.” (Paço, 1942, p.8).

Esta estrutura pétreia, de assinalável extensão, está hoje ainda conservada no terreno e parcialmente coberta por densos carrascos, não parecendo constar de nenhuma das inúmeras plantas que, ao longo de décadas, foram produzidas para Vila Nova de São Pedro e podem hoje ser retomadas as palavras de Savory “Tanto quanto sei nunca foi publicada qualquer planta adequada destas muralhas exteriores (...)” (1983-84, p. 20), como identificação de uma lacuna no registo que se espera ultrapassar em tempo breve e com o uso óbvio dos meios de captação de dados, neste caso arquitectónicos e topográficos, hoje disponíveis.

Em suma, o modelo vigente, face aos dados parcelares disponíveis, de duas ou três muralhas mais ou menos concêntricas, terá que ser reavaliado, após uma desmatação completa da área envolvente, e da utilização de métodos geofísicos de prospecção, pois, tal como no Zambujal, não só há fortes indícios da existência de inúmeras fases de construção e reconstrução das estruturas principais, sejam elas de carácter defensivo ou “simbólico”, como também da existência de estruturas sectoriais, destinadas a reorganizar os vários espaços existentes entre aquelas.

A Muralha Central

Em contraponto à ausência de registo adequado das muralhas exteriores, subentende-se que a muralha central está rigorosamente documentada nas plantas que a representam o que, de acordo com o observado no terreno, não parece corresponder exactamente ao verificado, apesar do rigoroso levantamento efectuado pela Assembleia Distrital da Lisboa em 1984 (Arnaud e Gonçalves 1990), decerto devido às reconstruções efectuadas em 1983 (Oliveira e Ferreira 1990).

A história da muralha central – aquela que pode ser, neste momento, observada com maior clareza (Figura 5) – é também na sua existência *pós-deposicional*, muito complexa e da leitura dos sucessivos relatórios publicados por Paço e do relatório de Savory conclui-se que os cortes nesta muralha – mais ou menos conscientes por parte de quem os executa – terão sido múltiplos e nem sempre eficazmente documentados.

A dimensão efectiva dos “cortes de reconhecimento no morro central” que são várias vezes mencio-

nados por Paço, a menção expressa a aberturas na muralha “para reconhecimento” e posterior reconstrução da mesma, para além do bem documentado corte feito para colocação dos carris e passagem da vagoneta, são também factores de complexidade acrescentada na descrição de uma estrutura que parece hoje retalhada e por vezes restaurada – para além das intervenções oficiais executadas por Oliveira e Ferreira (1990) haverá que distinguir a cronologia – pré-histórica ou “paciana” – das construções, destruições, restauros, remendos e acrescentos hoje muitos visíveis na muralha central, que em particular a SE, apresenta troços com diferentes aparelhos construtivos, mas cuja origem crono-cultural permanece incerta. Enfim, um excelente exercício de arqueologia da arquitectura, a realizar num futuro próximo, um instrumento de trabalho imprescindível para qualquer intervenção de conservação e restauro desta importante e complexa estrutura.

Além desta análise estratigráfica, vertical, das estruturas da muralha central, importará ainda “descascar” o topo desta, de modo a verificar a existência de diferentes fases de construção e reconstrução, como as documentadas no Zambujal, as quais mostram uma constante actividade construtiva, ao longo de mais de um milénio (Sangmeister e Schubart 1981), incluído enchimento de bastiões outrora ociosos.

Será também necessário proceder a uma reinterpretação crítica das várias estruturas encontradas no interior da muralha central, a fim de avaliar a validade das dúvidas suscitadas, já em trabalhos anteriores (Arnaud e Gonçalves 1995; Arnaud e Fernandes 2005, p.151-158), em relação às interpretações funcionais que lhes foram atribuídas por Paço e Jalhay. Assim, por exemplo, é muito pouco provável que a estrutura subcircular que conserva ainda o arranque do que parece ser uma cobertura em falsa cúpula, pudesse ter servido como “forno de cerâmica”, como tem sido afirmado e reafirmado ao longo de décadas. Com efeito, não só a cerâmica não era um produto estratégico susceptível de se situar num lugar de tão clara centralidade, como se situaria junto de um hipotético “barreiro”, de onde teria sido extraída a argila usada no fabrico de cerâmica, o que é claramente incompatível com as elevadas temperaturas produzidas por um forno. Esta aparente associação entre um forno, um local onde existiria barro e água, numa hipotética “cisterna”, ou seja, os três elementos principais para a produção de cerâmica, é bem característica dos perigos de uma interpreta-

ção funcionalista acrítica dos dados arqueológicos. Mas então, perguntar-se-á: se não era um forno, para que serviria? Seria uma habitação especialmente cuidada, que contrastaria com os inúmeros e rudimentares “fundos de cabana”, constituídos por simples fiadas irregulares de pedras, com vestígios de “lareiras” encontrados pelos escavadores no exterior da muralha central, reflectindo a existência de uma hierarquia social emergente? Interpretação tentadora, mas talvez demasiado “evidente” para ser verdadeira. Infelizmente em nenhum caso esses “fundos de cabana” foram devidamente escavados, registados e conservados, deles restando algumas fotografias de difícil leitura, pelo que é difícil de sustentar a acima referida hipótese de existência de uma hierarquia social. Esta situação contrasta claramente com a encontrada no Zambujal (Torres Vedras), sem dúvida até hoje o paralelo mais próximo para Vila Nova de São Pedro. Aí foram de facto encontradas e rigorosamente documentadas diversas estruturas circulares, de dimensão semelhante ao “forno” em apreciação, em redor da famosa “barbacã” na zona VX (Sangmeister e Schubart 1981, 50-71). Tinham entre 5 e 6m de diâmetro, conservando-se ainda o arranque das suas fundações, formando uma ligeira curvatura, prováveis restos de uma falsa cúpula. Curiosamente, nas lareiras existentes no seu interior, encontraram-se vestígios de cereais e de outros alimentos, misturados com pingos de fundição, o que parece indicar que a incipiente actividade metalúrgica era praticada em contextos domésticos, e não em locais especializados, e por conseguinte um grau bastante baixo de especialização, numa sociedade relativamente complexa.

Este exemplo mostra bem a importância de uma re-análise de Vila Nova de São Pedro, não só partir do muito que já foi posto a descoberto, mas também do confronto das informações parcelares que chegaram até nós com os dados provenientes de sítios arqueológicos comparáveis, escavados mais recentemente, e com metodologias mais adequadas, tendo, porém, em conta a especificidade de cada local.

3.3. O Sítio na Paisagem

A integração do povoado de Vila Nova de São Pedro na paisagem e a definição da sua monumentalidade – elementos essenciais do seu significado histórico que se constrói a partir do cruzamento dos aspectos “funcionais” e dos aspectos “simbólicos” – exige uma leitura que ultrapasse os limites mais restri-

tos das arquitecturas construídas e que, na longa tradição da arqueologia do território, registe a envolvimento, imediata ou longínqua de acordo com a geomorfologia da paisagem, as visibilidades para norte e nascente e a partir de oeste o mais subjectivo, mas não menos real, impacto visual do sítio sobre o observador.

A chegada a Vila Nova de São Pedro pode ser feita a partir do lado noroeste – estrada que vem de Maçussa/Manique do Intendente e onde se destaca em frente o relevo que o sítio ocupa. Da estrada não se possui qualquer visibilidade para as estruturas pétreas ou sequer para a área da plataforma onde se localiza o povoado. A chegada ao sítio a partir da estrada do Cartaxo, de Sul portanto, é ainda mais discreta. A estrada percorre já as cotas mais elevadas deste relevo, não transmitindo por isso, a aproximação ao sítio calcolítico – quando se percorre o rebordo ocidental deste pequeno planalto que define o topo deste esporão – uma sensação nítida de subida ou do lugar de cumeada onde este se implanta.

Ao contrário, a aproximação ao sítio pelo lado nascente, pelo vale que limita o esporão onde se localiza o povoado – e para além da monumentalidade óbvia da muralha interior – o aparente talude da muralha intermédia e a quase horizontalidade da bancada de calcário que aflora, a meia encosta, criam no espectador a impressão de que toda esta colina é o povoado, cujos contornos aqui se dilatam, incorporando acidentes naturais na sua construção e, diríamos hoje, reforçando a sua monumentalidade.

4. VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA): PERSPECTIVAS PRESENTES DE UMA ACÇÃO FUTURA

O projecto que agora se inicia deve prolongar-se por anos futuros. As diferentes linhas de acção em curso, que prevêm a valorização do sítio em articulação com o fluxo crescente de visitantes que procura o Museu Arqueológico do Carmo, o desenvolvimento de projectos de investigação em torno de Vila Nova de São Pedro que possam responder aos inquéritos actuais, o uso das novas tecnologias de captação e difusão de dados, exigem tempo e dependem de fundos que os signatários esperam obter. Revisitar o sítio significa construir nova informação e levantar novas e velhas questões, ainda em aberto (Figura 6). Parece claro, desta revisitação, que a história de Vila Nova de São Pedro ainda não está contada. Com efei-

to, esta “Mona Lisa”, “descoberta” antes do tempo, tem sido muito maltratada, mas ainda é recuperável. Por isso, neste sítio, os trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses estão ainda longe de ser encerrados. Assim não nos falte *engenho e arte*.

AGRADECIMENTOS

Os trabalhos em curso não poderiam ter sido realizados sem o apoio das seguintes pessoas e entidades:

- Câmara Municipal da Azambuja, através do protocolo estabelecido com a AAP e do contrato estabelecido com os proprietários da maior parte do terreno;
- União das Freguesias de Manique, Vila Nova de São Pedro e Maçussa, cujo Presidente, José Ave-lino Correia, acompanhou de perto os trabalhos, e lhes proporcionou imprescindível apoio logístico;
- Os colegas João Pimenta e Pedro Souto que nos disponibilizaram as imagens de drone;
- Fundação para a Ciência e Tecnologia, através da bolsa de pós-doutoramento atribuída a Andrea Martins – SFRH/BPD/108951/2015;
- Faculdade de Letras de Lisboa – cujos estudantes foram um elemento fundamental, participando nos trabalhos de campo e de gabinete;
- Museu Arqueológico do Carmo, cuja conservadora, Célia Nunes Pereira, muito se tem empenhado neste projecto;

Enfim, à Associação dos Arqueólogos Portugueses, que financiou os trabalhos realizados em 2017, e cuja Direcção se empenhou totalmente neste projecto desde o primeiro momento.

Importa ainda registar o constante apoio e incentivo da população local ao recomeçar dos trabalhos num sítio arqueológico que ainda hoje, passados 80 anos sobre o início dos trabalhos, faz parte do imaginário colectivo e da identidade cultural desta localidade.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Gonçalo (2004/2005) – Interpretação das facas ovóides (foicinhas) através do estudo dos exemplares de Vila Nova de São Pedro. *Arqueologia e História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 56-57, pp.63-80.

AMARO, Gonçalo (2008-2009) – Os “copos canelados” vistos desde o século XXI: características, distribuição e novas perspectivas de estudo. *Arqueologia e História*, 60-61, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 183-266.

ARNAUD, José Morais; DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea (2014-2015) – Vila Nova de São Pedro – De novo, no 3º milénio. Um projecto para o futuro. *Arqueologia e História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 66-67, pp. 7-17.

ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela eds. (2005) – *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ARNAUD, José Morais; GONÇALVES, João Ludgero (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*.1.Lisboa, pp. 25-48.

ARNAUD, José Morais; GONÇALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2. Lisboa, pp. 11-40.

CHILDE, V. Gordon (1957) – *The dawn of European civilization*, Routledge and Kegan Paul, Londres.

ESTRELA, Carla (2002) – *Contributos para o estudo das pontas de flecha de Vila Nova de São Pedro*. Estágio Prático e Relatório Final do Curso de História, variante de Arqueologia. Lisboa: UNL (texto policopiado).

FERREIRA, Sónia (2001) – *Os Copos no Povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro*. Trabalho apresentado no âmbito do Estágio Prático e Relatório Final de Curso de História (texto policopiado).

FERREIRA, Sónia (2003) – Os copos no povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 181-228.

GONÇALVES, Victor S. (1993) – O castelo de Vila Nova de São Pedro, in Gonçaves, V. (ed.) *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1. pp. 230-232.

GONCALVES, Victor S. (1994) – O castelo de Vila Nova de S. Pedro. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa, pp. 49-51.

GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; COSTEIRA, Catarina (2013) – Walls, doors and towers. Fortified settlements in the south and center of Portugal: some notes

- about violence and walls in the 3rd millenium BCE. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*. Granada, 23, pp. 35-97.
- MULLER, Roland; SOARES, António Monge (2008) – Traces of Early Copper Production at the Chalcolithic Fortification of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal). *Madrider Mitteilungen* 48, pp. 94-114.
- ODRIOZOLA, Carlos; SOUSA, Ana Catarina; BOAVENTURA, Rui; VILLALOBOS, Rodrigo (2013) – Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): Estudo de proveniências e redes de troca no 3^o milénio A.N.E. no actual território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, pp. 457-462.
- OLIVEIRA, Humberto Nuno; FERREIRA, Octávio da Veiga (1990) – Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1, pp. 49-58.
- PAÇO, Afonso (1942) – Uma vasilha de barro de grandes dimensões do “castro” de Vila Nova de São Pedro. *Congresso do Mundo Português: Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*. Lisboa. Comissão Executiva dos Centenários. 1, pp. 132-143.
- PAÇO, Afonso; JALHAY, E. (1943) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: notas sobre a 6^a campanha – 1942, *Brotéria*. Lisboa. 37 (1). Separata.
- PEREIRA, Filipa (2011) – *Archaeometallurgical study of artefacts from Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Conservação e Restauro. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.
- PEREIRA, Filipa; SILVA, Rui; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria Fátima (2012) – Estudo arqueometalúrgico de artefactos provenientes do Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19, Oeiras, pp. 163-172.
- PEREIRA, Filipa; SILVA, Rui; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria Fátima (2013) – The role of arsenic in Chalcolithic copper artefacts – insights from Vila Nova de São Pedro (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 40, pp. 2045-2056.
- REBELO, Paulo (2012) – *A indústria em pedra lascada no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro – Azambuja*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Teoria e Métodos da Arqueologia da Universidade do Algarve (policopiado).
- RIBEIRO, Maria (2013) – *O Povoado Calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – Historiografia das escavações realizadas. Contributo para a sua salvaguarda*. Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estudos do Património, Universidade Aberta, Lisboa (policopiado).
- RIBEIRO, Maria; CARDOSO, João Luís (2013) – “Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro (1937-1967)”. ARNAUD, MARTINS e NEVES (coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 39-47.
- RODRIGUES, Filipa (2014) – Skeletons in the ditch: funerary activity in ditched enclosures of Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja); Valera, A. (ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, BAR International Series 2676, pp. 59-69.
- SANGMEISTER, Edward; SCHUBART, Hermanfrid (1981) – *Zambujal – Die Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz am Rhein. 2 vols.
- SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-148.
- SAVORY, H. (1983-84) – “Um corte através da fortificação interior do Castro Calcolítico de VNSP (1959)”, trad. João Carlos de Senna-Martinez, *Clio Arqueologia*, n^o 1-2, Lisboa: UNIARQ, pp. 19-29.
- SOARES, António Monge (2005) – A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões. In ARNAUD, J.M., FERNANDES, C. V., (eds.) *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 179-188.
- SCHUHMACHER, Thomas; CARDOSO, João Luís; BANERJEE, Arun (2009) – Sourcing African Ivory in Chalcolithic Portugal. *Antiquity*, 83, pp. 983-997.
- SCHUHMACHER, Thomas; BANERJEE, Arun (2011) – Pottwalelfenbein im chalkolithischen Portugal. *Restaurierung und Archaologie. Sonderdruck aus Jahrgang 4*, Munchen, pp. 107-124.
- SCHUHMACHER, Thomas X.; BANERJEE, Arun (2012) – Procedencia e intercambio de marfilen el Calcolítico de la Península Ibérica. *Rubricatum. Revista del Museu de Gavà*, 5, Institut Municipal de Gestió del Patrimoni Cultural i Natural Ajuntament de Gavà, Gavà, pp. 289-298.
- SCHUHMACHER, Thomas; BANERJEE, Arun; DINDORF, Willi; SASTRI, Chaturvedula e SAUVAGE, T. (2013) – The use of sperm whale ivory in Chalcolithic Portugal. *Trabajos de Prehistoria*. 70.1, pp. 185-203.



Figura 1 – Vista geral de Vila Nova de São Pedro – Abril de 2017 (foto J. Pimenta).



Figura 2 – Vista geral de Vila Nova de São Pedro – Julho de 2017, após a limpeza e desmatamento (foto P. Souto).

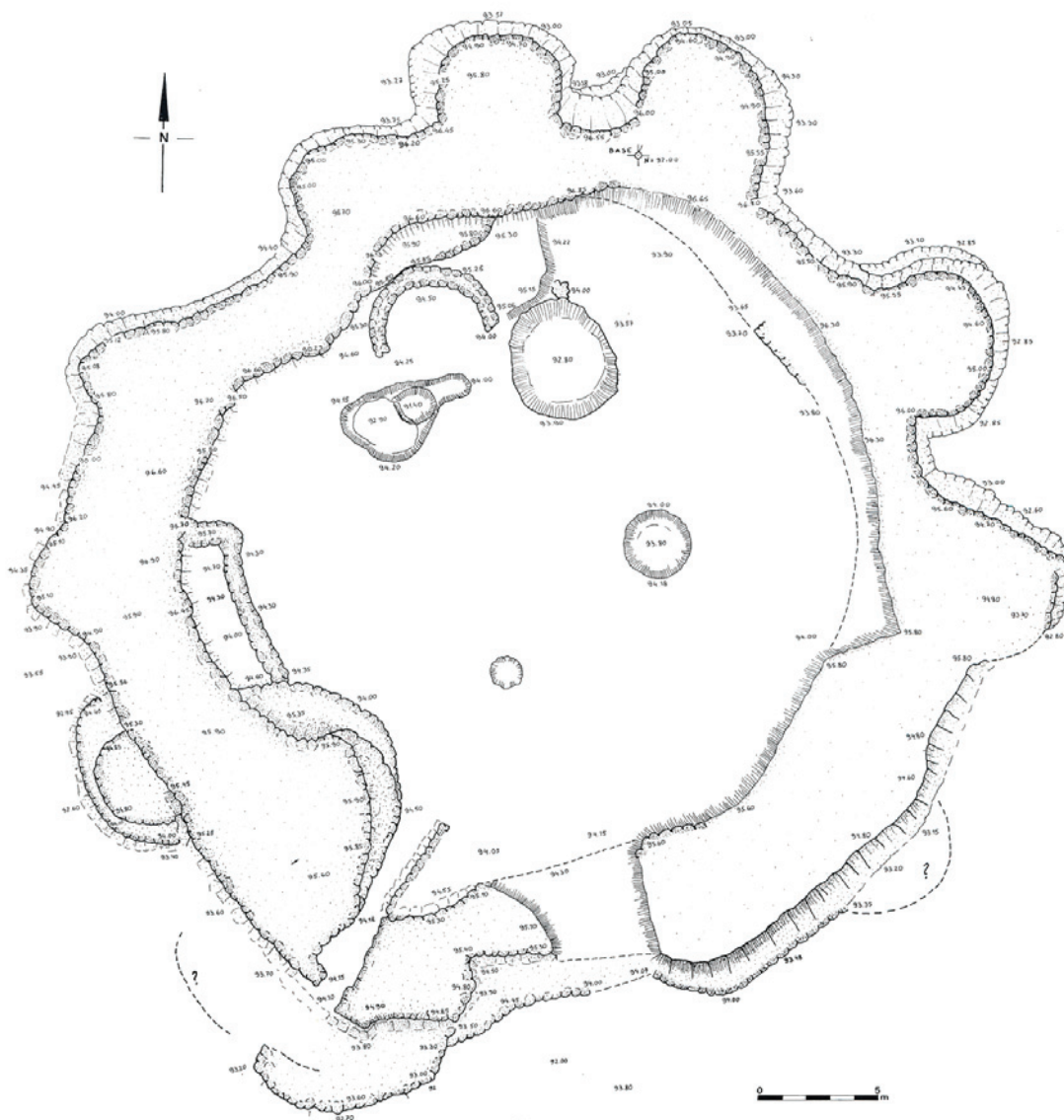


Figura 3 – Vila Nova de São Pedro – levantamento topográfico realizado em 1984 (Arnaud e Gonçalves 1990).



Figura 4 – Dia Aberto VN3000 – 19 de Julho de 2017 – imagem do *atelier* de arqueologia experimental (foto J. M. Arnaud).



Figura 5 – Muralha central de Vila Nova de São Pedro (foto J. M. Arnaud).



Figura 6 – Aspecto dos trabalhos de escavação realizados em 2017 (foto J. M. Arnaud).

